

Uma lenta evolução

A tecnologia é parte fundamental do cotidiano, mas a escola ainda está em descompasso com as possibilidades da vida digital. Para o pesquisador José Manuel Moran, é preciso repensar os modelos – e também saber a hora de se desligar

GABRIEL JARETA

O professor José Manuel Moran, 67 anos, é mais do que um pesquisador de inovação na educação – é um entusiasta das possibilidades das novas tecnologias diante de um cenário educacional que permanece mais ou menos o mesmo, apesar de todas as transformações radicais ao redor. Para ele, há hoje um descompasso entre a vida social, o trabalho e o cotidiano das pessoas em casa em relação ao que a escola oferece aos seus alunos e professores. “A tecnologia não é mero apoio, é um componente essencial da vida atual. Pessoas não conectadas têm mais dificuldade em entender nosso mundo, em ampliar as oportunidades de trabalho, de estudo, de participação em redes importantes para a vida delas”, diz.

Nascido na Espanha, Moran mudou-se para o Brasil aos 20 anos e se dedicou principalmente à carreira acadêmica. Graduado em filosofia e comunicação, fez mestrado e doutorado

nesta área e é professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da USP. Hoje atua como consultor e orientador de projetos de educação a distância em diversas instituições de ensino. Também é aluno de EAD: cursou vários MOOCs (sigla para cursos on-line abertos e de massa) para conhecer diferentes tecnologias e métodos de universidades a distância ao redor do mundo. Na entrevista a seguir, Moran fala sobre o desafio de tornar a educação mais flexível para se adaptar aos novos tempos e discute o papel do professor nesse novo modelo.

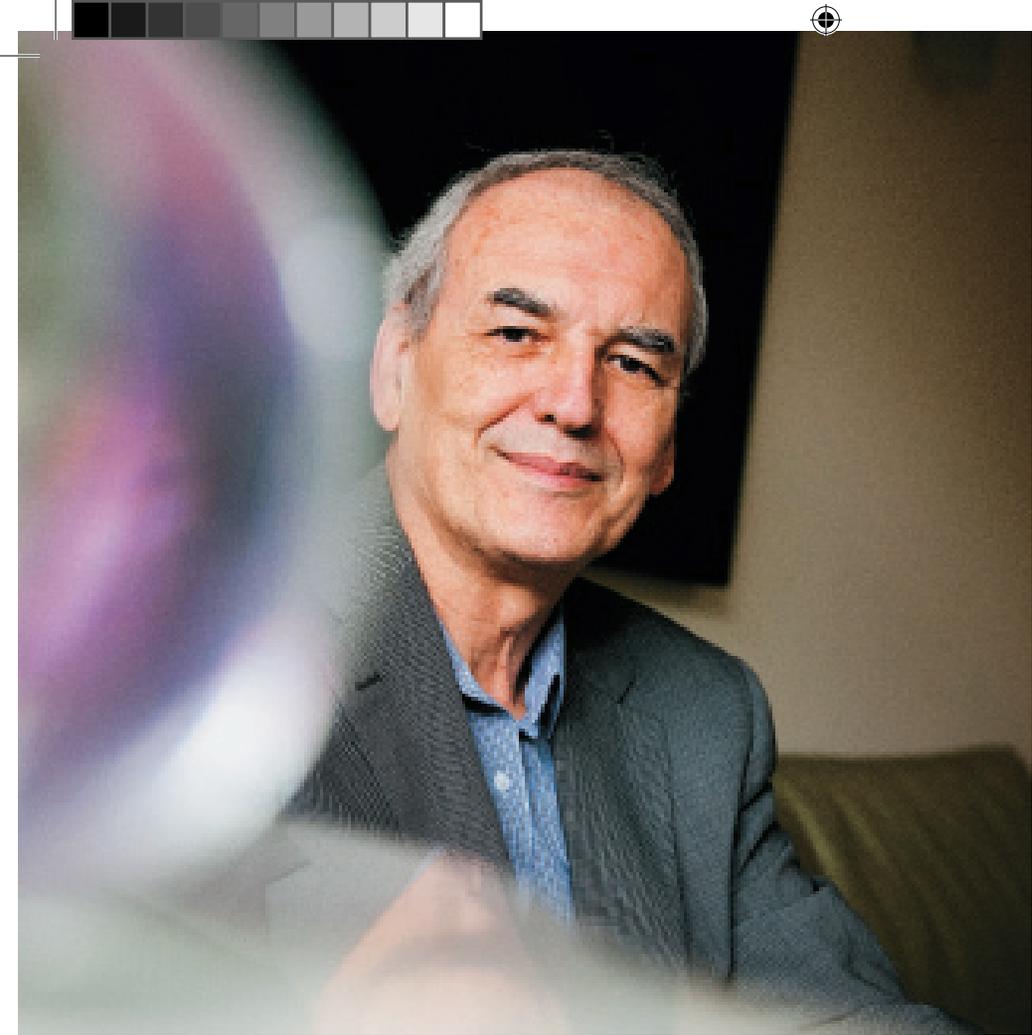
Ainda estamos longe de alcançar todas as possibilidades das novas tecnologias na educação?

As instituições educacionais passam por processos dolorosos de adequação para um mundo que muda mais rapidamente do que elas. Até agora conseguiram efetuar mudanças cosméticas, com algumas novidades, bi-

bliotecas digitais, ambientes virtuais, mas permanece o currículo bastante rígido, e professores precarizados economicamente e na sua formação para assumir papéis mais dinâmicos na orientação dos alunos conectados. Muitos alunos, apesar de descontentes, continuam assumindo uma postura de consumidores de informações prontas repassadas, em lugar de serem protagonistas de aprendizagens ativas, colaborativas e personalizadas.

Há um avanço na consciência de que a convergência digital exige mudanças muito mais profundas que afetam a escola em todas as suas dimensões: infraestrutura, projeto pedagógico, formação docente, mobilidade. Um desafio mais específico é o de repensar profundamente os cursos de formação de professores num mundo digital. Há um descompasso gritante nos cursos de pedagogia e licenciaturas entre o currículo ensinado e o currículo necessário para

José Manuel Moran: os conceitos de ensino presencial e a distância devem ser muito mais flexíveis, dentro de um modelo “blended”



GUSTAVO MORITA

preparar professores para alunos que nasceram com as tecnologias móveis.

De modo geral, como a tecnologia poderia contribuir para melhorar a educação em um país carente de recursos como o Brasil?

A tecnologia em rede e móvel é parte fundamental hoje de ser cidadão pleno, de poder aprender sozinho e em grupo, de conversar com pessoas distantes, de oferecer e participar de uma gama cada vez mais ampla de serviços. Ela não é mero apoio, é um componente essencial da vida atual. Pessoas não conectadas têm mais dificuldade em entender nosso mundo, em ampliar as oportunidades de trabalho, de estudo, de participação em redes importantes para a vida delas. Escolas não conectadas ou pobremente conectadas de alguma forma perdem dimensões importantes da capacitação dos alunos para compreender e agir num mundo conectado e móvel. A conver-

gência digital e a mobilidade precisam estar muito mais fortes nas escolas de educação básica. Precisamos avançar muito mais também no conceito de ensino presencial e a distância: os modelos precisam ser muito mais flexíveis – o chamado *blended* –, com integração efetiva dos ambientes virtuais no currículo, metodologias centradas nos alunos, professores mais bem preparados, remunerados e valorizados. O digital hoje não é um luxo, é um direito cidadão de educação integral. Um cidadão sem competências digitais é um cidadão incompleto e com menos chances de desenvolver seu potencial humano e profissional.

E como isso poderia ser feito na prática?

Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e

supervisionadas. É o que se chama de aula invertida ou *flipped learning*. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. As tecnologias nos libertam das tarefas mais penosas – as repetitivas – e nos permitem concentrar-nos nas atividades mais criativas, produtivas e fascinantes. Não podemos esquecer, porém, que há nelas usos dispersivos. É cada vez mais difícil concentrar-se em um único assunto ou texto, pela quantidade de solicitações que encontramos nas tecnologias e aplicativos móveis. Tudo está na tela, para ajudar e para complicar, ao mesmo tempo.

O senhor acredita que o ensino a distância vai estar presente na vida dos alunos cada vez mais cedo? Hoje qualquer criança está acostumada a usar tablets e smartphones, mas na escola ela vai encontrar um ambiente de certa forma hostil a essas ferramentas.

Está clara a tendência de poder aprender a qualquer hora, em qualquer lugar, de múltiplas formas. Cada vez estamos mais conectados, apesar das desigualdades e problemas, em qualquer lugar, sempre que o desejarmos, em qualquer equipamento. Isso elimina o ensino em um local determinado chamado escola? Com certeza, para as crianças, não. A escola tem uma função de iniciação a múltiplas aprendizagens, além das cognitivas,

como são as de conviver, trabalhar em grupo, desenvolver valores, etc. E isso se faz mais facilmente estando fisicamente juntos. Agora, a escola e a sala de aula serão os únicos espaços para aprender? E aprenderemos da mesma forma que o fizemos durante os últi-

um celular na mão trocam mensagens com terceiros, mesmo em espaços de convivência social. A educação hoje precisa equilibrar o contato físico e o virtual, as atividades lúdicas com as mais estruturadas, as atividades mais exploratórias com as mais focadas,

“A educação hoje precisa equilibrar o contato físico e o virtual, as atividades lúdicas com as estruturadas, as mais exploratórias com as mais focadas”

mos duzentos anos? Também não. Em outros ambientes, como no trabalho, a tecnologia teve um impacto maior, mas na escola é proibido usar celular, acessar o YouTube ou as redes sociais. Há um descompasso da escola em relação a outros setores sociais.

Mas como fazer os alunos terem a autonomia e a disciplina necessárias para a aprendizagem? A internet não é um tanto caótica para poder deixar os alunos “soltos”?

A web é muito rica em informações, materiais, atividades disponíveis para acesso de qualquer lugar. Isso é muito positivo e atraente, principalmente para os que moram longe das grandes cidades, mas ela traz uma facilidade de dispersão para todos, crianças e adultos. É muito difícil concentrar-se, focar-se num tema específico por muito tempo, se o aluno não estiver muito motivado. O acesso contínuo a redes sociais como o Facebook, o Twitter e outras traz informações interessantes, mas tende a desviar-nos do objetivo inicial de um trabalho ou projeto, se não estivermos muito atentos. Nunca tivemos tantas possibilidades de informação e comunicação. Basta observar como muitas pessoas com

concentradas. O digital é um componente importante, mas não pode ser o definidor das ações educacionais. Há momentos e espaços em que o digital precisa estar excluído para não perturbar. Mas, de outro lado, não basta proibir o acesso a redes sociais, YouTube e outros aplicativos numa instituição como política. É uma visão míope e antipedagógica.

Como seriam esses novos modelos utilizando a tecnologia?

Algumas dimensões estão ficando claras na educação formal: o modelo *blended*, semipresencial, misturado, em que nos reunimos de várias formas – física e virtual – em grupos e momentos diferentes, de acordo com a necessidade, sem os horários rígidos e planejamento engessado. Há também as metodologias ativas: aprendemos melhor através de práticas, atividades, jogos, projetos relevantes do que da forma convencional. Podemos ficar na escola, mas em espaços múltiplos e atividades diferentes dentro do mesmo espaço e em outros espaços que precisam ser redesenhados para cada etapa e as diferentes necessidades de aprendizagem. E, finalmente, o modelo on-line, com uma mistura

de colaboração e personalização. Cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades de grupo. A maior parte da orientação será via sistema – plataformas adaptativas com roteiros semiestruturados, que respondem às questões mais previsíveis – com uma tutoria mais especializada, que interage com os alunos nas questões mais difíceis e profundas.

Nesses modelos o professor passa a ser mais um mediador? Esse papel não o enfraquece?

O professor nos ajuda a ir além de onde os alunos podem fazê-lo sozinhos. Até alguns anos atrás, ainda fazia sentido que o professor explicasse tudo e o aluno anotasse, pesquisasse e mostrasse o quanto aprendeu. Hoje a forma de fazer isso mudou bastante. Sobre qualquer tema, há materiais muito ricos, variados, que transmitem as informações básicas de forma adequada. O papel do professor é o de ajudar na escolha e validação dos materiais mais interessantes, roteirizar a sequência de ações prevista e mediar a interação com o grande grupo, com os pequenos grupos e com cada um dos alunos. É um papel mais complexo, flexível e dinâmico. Antes ele podia preparar uma mesma aula para todos, a mesma atividade para todos. Hoje precisa ir além e concentrar-se no essencial, que é aprofundar o que os alunos não percebem, ajudar a cada um de acordo com o seu ritmo e necessidades e isso é muito mais difícil e exige maior preparação em todos os sentidos. Hoje o que as tecnologias móveis e nas nuvens nos trazem é a possibilidade de mapeamento e acompanhamento mais fácil dos percursos pessoais e colaborativos através de plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo se aperfeiçoam com a interação.